

Cenário econômico terá “nebulosidade e alguma turbulência” no início de 93

por Márcia Raposo
de São Paulo

Uma travessia “com muita nebulosidade e alguma turbulência” até o primeiro ou segundo trimestre de 1993. É assim que a maioria dos líderes empresariais, homenageados ontem no Fórum da Gazeta Mercantil, estão vendo o futuro imediato. E para tanto preparam suas empresas: maior nível de liquidez possível, não tomar empréstimos em bancos, forçar a expansão da receita em moeda forte, nova rodada de corte nos custos e “rezar muito para que tudo passe muito rápido”.

Quanto mais próximos do produto final — que vai direto para o balcão do varejo —, menos pessimistas estão, uma vez que se avizinhm as compras do comércio para o final do ano, “que, bem ou mal”, vão ocorrer, como aposta Mendel Steinbruch, do grupo Têxtil Vicunha.

Quanto mais longe do consumidor final e mais ligado ao setor de investimento, do Estado ou do setor privado, mais céticos quanto a uma melhora na economia a curto ou médio prazo. “Estamos devagar, quase parando”, como atesta Paulo Francini, do grupo de refrigeração Coldex-Frigor.

Mas nenhum deles esconde a atenção que estão dando ao dia-a-dia dos seus negócios à avaliação e reavaliação dos cursos da economia a cada fato novo no desenrolar da crise política em Brasília, porque “efetivamente tudo pode acontecer ou nada”, como diz Dante Gallian Neto, da Adria, do setor de alimentos.

Do lado do quadro político corre “contra nós, em meio a essa recessão, a nova rodada de corte das alíquotas de importação de 1º de outubro próximo”, lembra Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, do grupo Ipi-

ranga, que está centrando seus novos investimentos no setor petroquímico. “Mas no dia-a-dia estamos contando os centâvos, atrás do corte de custos.”

“Primeiro de outubro está aí, e cremos que não há nada que possamos fazer para impedir um novo corte de alíquotas, mesmo ante o encolhimento brutal do mercado interno e a não negociação de alguma contrapartida dos outros países e sem termos uma legislação anti-‘dumping’ a contento que nos proteja”, lembrou Paulo Francini (ver página 3).

Para Jorge Gerdau Johampeter, do grupo siderúrgico Gerdau, há um desequilíbrio entre as alíquotas dos mais diversos setores

da economia, “o que fez que alguns já estejam em um nível de competição ou proteção semelhantes aos internacionais, enquanto outros continuam mais protegidos”, colocou ele. “Acho que aqueles que já estão na faixa de uma alíquota de 10 ou 15% não poderiam ser atingidos ainda mais, agora seria a vez dos que ainda não chegaram a uma tarifa média nos padrões internacionais.”

Na Gerdau, assim como na DHB, de Luiz Carlos Mandelli, as exportações é que estão garantindo a ocupação da capacidade e a manutenção dos empregos. “Estamos tocando os negócios sempre com um pé no freio, como quem conduz um veículo numa estrada

perigosa. Não estamos antecipando contrato de câmbio porque os negócios de exportações são mais seguros e os pagamentos virão”, disse Mandelli.

Na Novolit, uma empresa de transformação de plásticos, a ordem é só comprar matéria-prima quando o pedido do cliente já estiver acertado e dentro de casa, como relata Celso Hahne, executivo da empresa. “Nosso setor tem 4,5 mil pequenas e médias empresas e todas se adequaram aos tempos mais difíceis, de maneira que a briga agora é muito dura.” Segundo Hahne, a margem de lucro do setor, que fora de 10% no passado, hoje não supera os 4% sobre as vendas.